

NO RASTRO DA MEMÓRIA: EM BUSCA DE UM TEMPO VIVIDO POR ALUNOS E PROFESSORES

**Amada de Cássia Campos Reis – UFPI
Maria do Amparo Borges Ferro – UFPI**

A falta de consciência da importância da preservação do patrimônio educacional para a manutenção da identidade escolar de Oeiras fez com que parte da história desta cidade se transformasse em cinzas ou se tornasse peça de entulho, dificultando a pesquisa neste campo, gerando em nós, como pesquisadoras, angústia e inquietação. Para Ester Buffa (2002, p. 26), “todos os que têm alguma experiência com pesquisa em arquivos conhecem as precárias condições em que eles se encontram. Caixas com documentos importantes misturam-se a restos de cortinas, cadeiras quebradas e muitos ácaros”.

Porém, nem só de vestígios materiais vive a história. A historiografia baseada no paradigma da Nova História permite que trilhem por caminhos diversos numa persistente busca dos acontecimentos de outrora. Febvre, fundador do movimento annalista, diz que “a história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existirem. Mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos, quando não existirem” (apud LE GOFF, 2003, p. 530), e aqui se inclui a palavra dos que vivenciaram esta história.

O recurso da história oral segundo Bom Meihy (1998), veio servir aos anônimos como abrigo de suas vozes, dando sentido às suas experiências vividas, fazendo com que estes se sintam sujeitos sociais, legítimos fazedores de história, de uma história mais democrática que segundo a opinião de Thompson (1992), pode ser uma forma de modificar o conteúdo e a finalidade da história, podendo se tornar um campo de investigação onde por meio da palavra as pessoas que protagonizaram a história encontrem seu verdadeiro lugar.

No campo da pesquisa educacional, estudos baseados em narrativas escolares vêm adquirindo visibilidade, e conquistando espaço e credibilidade na escrita da história da educação. Trabalhos como “Vida de professores” organizado por Nóvoa (2000) e “Docência, memória e gênero” por Catani (1997), buscam explicitar as questões teórico-metodológicas para aprofundamento deste tema emergente que vale a pena ser conferido.

O Monsenhor Chaves (1998), historiador piauiense, entende que nossa história deve também partir de pessoas simples do povo, pois

a que temos é a história da classe dominante, a classe que produz os documentos e organiza os arquivos. Dela são os heróis, os grandes, os libertadores que de fato a ninguém libertaram, mas mantiveram o povo na sujeição aos seus “modelos” que garantem a perpetuidade de seu *status*. (CHAVES, 1998, p. 634).

É seguindo esta orientação metodológica que aqui apresentamos aspectos da história da educação na cidade de Oeiras (PI) partindo, principalmente, da memória daqueles que muitas vezes foram marginalizados e silenciados, pela falta de oportunidade de compartilhar suas vivências guardando no silêncio de suas lembranças ricos relatos do seu tempo de escola, sem deixar, contudo, de lançar mão das fontes escritas que ainda teimam em existir apesar dos maus tratos de sua preservação.

No Piauí do início do século XX, grande era o número da população sem acesso à escola como podemos comprovar na mensagem apresentada pelo governador Arlindo Francisco Nogueira à Câmara Legislativa Estadual, em 1º de junho de 1901, que afirmou ter em todo o Estado “89 escolas primárias com a matrícula de 2.963 alunos e a frequência de 2.324. Dada a hipótese de que tenhamos uma população de 300:000 habitantes cabe um aluno para 129 habitantes”. Na mesma mensagem o governador acrescentou que embora sendo insignificante o número de alunos estes custavam ao Estado 73:080,000 réis, o que indica uma despesa de 24:622 réis para cada aluno, e ainda lamentou o fato “da absoluta indiferença com que tratam os municípios a instrução primária.”

O Estado alegava a carência de recursos financeiros e a falta de co-responsabilidade dos municípios pelo ensino público e neste jogo político sobre qual das instâncias públicas recaía a obrigação da educação fez com que este setor não progredisse convenientemente abrindo espaço para a iniciativa privada.

A população da cidade de Oeiras crescia e as escolas públicas existentes já não eram suficientes para atender à demanda escolar que por sua vez era absorvida pelas escolas particulares, tornando-as predominantes nas primeiras décadas do século XX, até o surgimento dos grupos escolares. Mesmo sendo escolas pagas e por esta razão restritas a uma pequena parcela da população eram a opção encontrada para uma educação de melhor qualidade diante do descaso governamental para com o ensino público. A iniciativa da sociedade oeirense em tomar para si as rédeas da educação

evitou que a cidade mergulhasse na total ignorância, fazendo com que Oeiras se destacasse no cenário intelectual do Estado.

Estas escolas particulares apesar de terem tido um papel de destacada importância para a educação de Oeiras não deixaram marcas materiais de sua existência. Salvo raros escritos encontrados referindo-se a tais escolas, seu registro histórico só foi possível graças à memória oral narrada por alguns indivíduos que viveram a experiência de terem sido seus alunos. Em suas mentes permanecem os acontecimentos compartilhados desafiando o tempo, numa produção de uma memória coletiva. Henry Rousso (2002, p. 94), define concisamente o significado do termo memória, como uma “presença do passado” e esclarece:

A memória, para prolongar essa definição lapidar, é uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional. Portanto toda memória é, por definição ‘coletiva’, como sugeriu Maurice Halbwachs. Seu atributo mais imediato é garantir a continuidade do tempo e permitir resistir à alteridade, ao ‘tempo que muda’, às rupturas que são o destino de toda vida humana; [...] (RUSSO, 2002, p. 94-95)

De modo geral, as escolas particulares de Oeiras adotavam os programas oficiais de ensino, mas com uma preocupação em manter a sua qualidade, fazendo com que estas escolas fossem as preferidas pelos pais, mesmo que para isso tivessem que despender esforços financeiros para manter seus filhos.

A escolas particulares estavam divididas em três níveis: nível I, nível II e nível III, de acordo com os conteúdos abordados, as atividades desenvolvidas pelos professores e a capacidade de aprendizagem dos alunos.

As de nível I destinavam-se a alfabetizar os alunos iniciantes familiarizando-os com as letras e com os números. A professora Ana Leonor de Sousa Brito possuía uma escola deste tipo. As lembranças desta escola se mantêm vivas na memória de alguns dos seus alunos que ao relatarem as suas experiências reconstróem aspectos do cotidiano escolar. Através dos depoimentos das ex-alunas, Amália do Espírito Santo Campos e Maria de Macedo Reis, respectivamente transcritos abaixo, foi possível captar os elementos que compunham o cenário da escola como o local, mobiliário, material escolar, e ainda os conteúdos abordados, o método aplicado, a clientela atendida, a relação entre professor-aluno e a ordenação do tempo.

Fui alfabetizada, ou seja, aprendi as primeiras letras com a minha tia da parte de meu pai, Ana Leonor de Sousa Brito, conhecida como Donana Brito. [...]. Lá aprendi as primeiras letras e juntar as primeiras sílabas, depois de pouco

tempo eu fui logo matriculada no Costa Alvarenga. Eu devia ter uns seis anos ou sete anos. [...]. Donana Brito, ensinava em sua própria casa introduzido os seus alunos as primeiras letras. Era numa sala muito simples, muito humilde, os alunos ficavam sentados em cadeiras rodeando uma mesa muito ampla e ali ela dava suas aulas. Comecei a escrever as primeiras letras cobrindo aquelas letras que ela fazia. Atendia, tanto meninos quanto meninas, mas não tudo no mesmo horário, ela separava os mais adiantados dos mais atrasados. ¹

Iniciei a minha vida de estudante aos sete anos de idade numa escola particular, não tinha grupo escolar nesta época, as escolas funcionavam em casas particulares de pessoas que tinham capacidade para ensinar.

Minha primeira professora foi Donana Brito que ensinava na sua própria casa, numa sala reservada para este fim, tinha uma mesa cercada de bancos em que a professora sentava com seus alunos. [...] Na minha turma ela atendia cerca de 12 alunos tanto do sexo masculino como do feminino.

As aulas da professora Donana Brito baseavam-se na exposição verbal, em desenhar nos cadernos dos alunos as primeiras letras para os alunos cobrirem, copiarem e repetirem passando também essas tarefas para levar para casa. Ela foi minha professora de alfabetização. [...] Não tinha intervalo para recreio, chegava e só saía quando terminava. As aulas começavam às oito horas da manhã e terminavam às onze horas. Era uma professora que não tinha muita aproximação com os alunos, chegava, sentava numa cadeira e ia chamando os alunos um por um. O ensino era individual, pois não havendo lousa, o atendimento tinha que ser um aluno de cada vez utilizando seu próprio caderno. O material utilizado era somente cadernos, lápis e cartilhas.²

As escolas particulares de nível II eram equiparadas ao ensino primário. Estas escolas atendiam, em uma mesma sala, alunos com graus de aprendizagem diferentes. A vivência estudantil narrada por João da Silva Matos e Benedito Lopes Reis expõe as peculiaridades deste tipo de escola:

Antes de aparecer o grupo escolar e até mesmo depois dele, tinha muitas escolas particulares em Oeiras, posso citar algumas que levavam o nome de seus donos: escola de Augusto Feitosa, Rafael José de Farias, Doutor Pedro Sá, Doutor João Carvalho, Bembém Brito, Ana Brito, Zefinha Ferraz, Iáíá Brito, Sinhá Soído, dona Lodonha, Mundica Campos, Padre Cardoso e outros.

Estes professores reservavam a sala da frente de suas casas para darem aulas. Em algumas escolas os alunos levavam suas cadeiras e sentavam ao redor de uma mesa grande. As aulas geralmente eram pela manhã e começavam as 7 horas e iam até 10 horas, as da tarde, de 2 as 4. Lembro que o professor Rafael Farias dava aulas à noite e Dr Pedro Sá também, de 7 até 9 horas no aladim por que não tinha luz elétrica nas ruas e nas casas neste tempo.

As aulas eram direto, não tinha recreio não.

Os alunos compravam seu material, cada um tinha uma lousa pequena pra escrever. [...]. O livro mais usado era o de Felisberto de Carvalho, mas se começava com a Cartilha Analítica.

Os professores atendiam mais ou menos uns vinte alunos, eram só os mais ricos, pois a escola era particular e pobre não tinham como pagar, tendo vaga ia para a escola do governo.

Alguns professores usavam a palmatória, era para manter a ordem e fazer os alunos estudar.

O ensino era pesado, era bom mesmo naquele tempo, só não aprendia quem não queria, era melhor do que a de hoje em termos de qualidade. Os alunos

¹ CAMPOS, Amália do Espírito Santo. Depoimento tomado em 12 out. 2004.

² REIS, Maria de Macedo. Depoimento tomado em 6 set. 2004.

aprendiam e se tornavam pessoas educadas e sabiam respeitar e tratar com fineza os outros.³

Seu Moisés ensinava na casa dele. [...] Eram a sala da frente e um quarto os locais da casa onde ele ensinava. Os alunos sentavam numas cadeiras velhas de sola e escreviam apoiados numa mesa de pau. Ele ensinava só para meninos, tinha um bocado. Na falta de colégio público era tudo mesmo nas escolas particulares.

O professor Moisés não tinha muita conversa com aluno não, só ensinava e pronto e os alunos tinham respeito, quem era besta de não obedecer? Metia o palmo. Castigava os aluno com a palmatória, era bolo de perder as mãos, o velho era malvado ele dava era à vontade. [...] O velho era mau, [...].

As aulas começavam às 7 horas e iam até 11 horas direto, sem recreio, a brincadeira dos alunos era palmatória. Os alunos chegavam e iam tomando o seu lugar e do primeiro dia de aula até o final era sempre no mesmo lugar, o aluno chegava e ficava ali estudando esperando o professor entrar.

Seu Moisés ensinava o ABC, o b-a ba, usava o primeiro, segundo, terceiro e quarto livro de Felisberto de Carvalho, as quatro operações fundamentais e a tabuada. Quando a aula começava ele chamava os alunos para ver a leitura e a escrita e mandava o menino ler e dava o número, bem ou mal. Tinha também as apostas, a gente fazia a escrita e levava para uma pessoa julgar quem ganhava e quem perdia. O que ganhava metia o bolo em quem perdia.⁴

As escolas particulares de nível III eram freqüentadas por alunos que desejavam aprofundar-se nos estudos ou preparar-se para o ingresso em escolas secundárias fora da cidade. Os locais mais procurados pelos alunos oeirenses para dar continuidade aos estudos secundários eram Teresina (no Liceu, na Escola Normal ou no Colégio Sagrado Coração de Jesus) e Floriano (Ginásio Santa Teresinha). Aqueles que tinham intenção de ingressar nos cursos superiores dirigiam-se principalmente para Salvador ou Recife.

Os dois fragmentos de textos a seguir são recortes dos depoimentos prestados respectivamente por Amália do Espírito Santo Campos (2004) e Benedito Lopes Reis (2004) que atestam a existência e finalidade dessas escolas preparatórias em Oeiras:

Antes de sair para estudar fora eu me preparei recebendo algumas lições dadas pelo Dr. Pedro Sá que era juiz e muito amigo de meu pai, eu não esqueço disso por que foi ele quem incentivou meu pai a me botar no colégio lá em Teresina.⁵

Já rapaz estive no colégio do farmacêutico, Dr. João Carvalho, que se chamava Externato Oeirense. Ele tinha um colégio ali onde hoje é a casa de Cazé e dava aulas lá auxiliado por Quincas. Era uma escola particular e foi lá que eu aprendi uma coisinha a mais. Estudei também com Dr. Pedro Sá,

³ MATOS, João da Silva. Depoimento tomado em 12 out. 2004.

⁴ REIS, Benedito Lopes. Depoimento tomado em 12 out. 2004.

⁵ Depoimento de Amália do Espírito Santo Campos (2004)

foi onde eu aproveitei bem matemática, português não entrava na minha cabeça não, agora matemática eu era bom.⁶

Observamos nos depoimentos citados um compartilhamento e complementação de idéias que analisadas e combinadas orientam a composição de uma síntese permitindo traçar o perfil das escolas particulares de Oeiras no início do século passado. Souza (2004, p. 52) afirma que para a compreensão do passado educacional

torna-se necessário também tentar compreender a maneira com que professores e alunos reconstruíram sua experiência, como construíram relações, estratégias, significações por meio das quais construíram a si próprios como sujeitos históricos. Para isso, é preciso que a história da educação inclua o ponto de vista desses seus agentes, além de outros, como pais e administradores, e não somente o ponto de vista do discurso emanado das esferas mais altas do poder institucional.

Estas escolas particulares atendiam à elite oeirense, embora existissem pessoas de menor recurso que não mediam esforço em pagar por um ensino de melhor qualidade. Os professores escolhiam a sala de visita de suas casas transformavam-na em sala de aula, pois pela arquitetura predominante da época era o cômodo mais espaçoso com saída direta para a rua. Este ambiente era despojado com mobiliário rústico composto por uma grande mesa de madeira ao redor da qual acomodavam os alunos sentados em cadeiras de sola.

O material escolar consistia basicamente de pequenas lousas para uso individual dos alunos, cadernos, lápis e livros. Os livros preferencialmente adotados eram a “Cartilha Analytica” de Arnaldo Barreto, para alunos iniciantes, além da coleção de livros de Felisberto de Carvalho, para alunos com diferentes níveis de aprendizagem.

Segundo Frade (2004), a “Cartilha Analytica” de Arnaldo Barreto foi publicada pela primeira vez em 1909, pela Livrara Francisco Alves, seguia a tendência do método analítico partindo do todo para as partes e era destinada ao ensino de primeiras letras visando o processo inicial da leitura. Era impressa em papel de baixa qualidade, porém rica em expressão gráfica apresentando desenhos produzidos com uso de técnicas variadas feitos à bico-de-pena, desenho de aguada, aquarela e fotografias. As gravuras nesta cartilha eram utilizadas para estimular a percepção dos alunos, numa concepção intuitiva que passou a influenciar as cartilhas nesta época.

A coleção graduada de leitura de Felisberto de Carvalho era também publicada pela Livrara Francisco Alves e conforme Oliveira e Souza (2000), este tipo de

⁶ Depoimento de Benedito Lopes Reis (2004)

publicação seriada surgiu por ocasião da implantação dos grupos escolares no Brasil. Em Oeiras, antes mesmo de implantar este novo modelo de organização escolar, os professores das escolas particulares de níveis II e III já utilizavam estes livros em suas aulas adotando-o de acordo com o adiantamento dos alunos. Com relação ao conteúdo analisado por estas autoras, os livros estão seqüenciados em lições

consoante o ideal almejado naquele momento, que era a formação da nacionalidade mediante a formação do cidadão republicano [...]. Foram estabelecidas normas de conduta moral e cívica que propagavam o culto à pátria, à família e à escola [...], lições de gramática, sistema métrico, Zoologia, Botânica, Agronomia, Geografia – apresentando alguns elementos químicos que compõem a natureza, além de algumas lições de História de Brasil e muitas poesias de autores brasileiros e portugueses, retratando o amor à pátria, ao próximo e, também, enaltecendo as belezas do Brasil. (OLIVEIRA; SOUZA, 2000, p. 30-31)

Na opinião de Souza (2004, p. 62-63), a missão principal da escola neste período ia para além moldar um homem íntegro e útil à sociedade republicana: “mais que moldar, era preciso corrigir, regenerar através da escola. [...] Cabia então à escola cumprir esse papel, servir de arma para realizar o progresso, isto é, a modernização a qualquer custo”.

Levando em consideração a relação professor-aluno eram comuns nas falas dos entrevistados expressões como: “era uma professora que não tinha muita aproximação com os alunos”⁷; “alguns professores usavam a palmatória, era para manter a ordem e fazer os alunos estudar”⁸; “não tinha muita conversa com aluno não, só ensinava e pronto e os alunos tinham respeito, quem era besta de não obedecer? Metia o palmo. Castigava os alunos com a palmatória, era bolo de perder as mãos”⁹, numa demonstração que os professores conduziam suas aulas de forma enérgica com severa disciplina, mantendo uma relação autoritária com os alunos, muitas vezes fazendo uso da palmatória para imprimir respeito ou para corrigir os erros das lições e das tabuadas não memorizadas, embora este instrumento de punição fosse legalmente proibido. Souza (2004), em seu estudo sobre a escola e a memória ao analisar os depoimentos dos alunos afirma que

A aversão que todos tinham em relação à memorização mecânica estava associada também à sua emblemática relação com o uso da palmatória. Não há memória de alunos daquele tempo que não relate um terrível encontro com a férula¹⁰. Ora era aplicada nos alunos desatentos, ora aos recalitrantes, ora

⁷ REIS, Maria de Macedo. (2004)

⁸ MATOS, João da Silva. (2004)

⁹ REIS, Benedito Lopes. (2004)

¹⁰ Férula – sinônimo de palmatória.

manifestava o arbítrio ou mau humor do professor, ora era aplicada nas sabatinas, no malfadados dias de quinau. (SOUZA, 2004, p. 93).

Tomando como base os ensinamentos transmitidos, nota-se que os professores das escolas particulares privilegiavam os conteúdos de Português e Matemática desenvolvidos por meio da leitura e da escrita (cópias e ditados), análise gramatical, memorização da tabuada e resolução e problemas envolvendo as operações fundamentais. Apesar de, nesta época, já está em voga o método analítico¹¹, alguns insistiam em utilizar o método sintético¹², muito criticado na época por considerado mecânico e valorizar a decoração. A condenação do método sintético, segundo informa Amâncio (2000), ocorria principalmente porque para os republicanos a decoração, que era base deste método e muito utilizada nas escolas imperiais, não mais cabia ser empregada como prática nas modernas escolas do novo regime e precisava ser banida.

Atentando para as questões de ordenamento do tempo escolar, estas escolas particulares funcionavam preferencialmente no turno diurno, porém algumas consideradas de nível III, por atenderem uma clientela formada por jovens geralmente com idade superior a 15 anos, desenvolviam suas atividades à noite. As aulas diurnas tinham uma duração média de três horas diárias enquanto que as noturnas este tempo era reduzido para duas horas, todas aconteciam sem intervalo para o recreio, novidade que só veio acontecer com o surgimento dos grupos escolares.

Mesmo depois da criação dos primeiros grupos escolares da cidade, algumas escolas particulares permaneceram em pleno funcionamento, destacando-se entre elas o “Colégio Ateneu Santo Antônio” criado pela iniciativa do Cônego Cardoso e o Instituto Santo Antônio de propriedade do professor Madeira.

O Cônego Antônio Cardoso de Vasconcelos foi vigário de Oeiras e após cumprir seu paróquio de quase vinte anos, deixou um minucioso relatório datado de 15 de agosto de 1949 e parte deste relatório é dedicada às ações desenvolvidas por este sacerdote no campo da educação como a criação de uma biblioteca e do “Colégio Ateneu Santo Antônio”. Por ser um dos raros documentos comprobatórios da existência de uma escola particular neste período encontra-se aqui transcrito na íntegra:

No salão paroquial, iniciei uma pequena biblioteca, que já tem, aproximadamente, duzentos volumes, mandando fazer estante, mesa, e alguns

¹¹ Método analítico – método de alfabetização que toma a palavra como ponto de partida e depois esta é desmembrada em sílabas, ou seja, do todo para as partes.

¹² Método sintético – método de alfabetização que parte dos elementos mais simples – a letra, para o mais complexo – a palavra, da parte para o todo por meio da soletração e silabação

bancos, etc. Ainda no mesmo salão, fiz funcionar um pequeno colégio com o nome de Ateneu “SANTO ANTÔNIO”, colocando em uma das suas paredes, um belo quadro do seu patrono. Mobiliei-o com carteiras duplas e isoladas, com capacidade para quarenta alunos, o provi de mapas, quadro negro, livros pra movimento escolar, como também didáticos, e todo este mobiliário doei à querida Diocese de Oeiras, do que já fiz ciente ao Exmo e Revmo Sr Bispo Diocesano, para servir de início a um colégio nesta cidade, pelo qual sempre bati e trabalhei. Ainda cheguei a contratar professor de fora, mantendo-o aqui, mas muito ocupado com a paróquia, apesar de não ser professor, não podia dar ao Colégio uma assistência como desejava. Graças a Deus o Exmo e Revmo Sr Bispo mantém, também, o patriótico projeto de fundar um colégio, e para esta realização meritória, já tem dado alguns passos, contando, para isto, com o apoio e comprovada cooperação do Exmo Sr Prefeito Municipal – Augusto Rocha Neto. Assim os meus votos são para que esta histórica cidade tenha, em breve, o seu estabelecimento de ensino e que possa ministrar aos seus filhos, desprovidos dos bens materiais, a luz bendita de uma regular instrução secundária. Nunca regateei, nem jamais regatearei, o meu concurso, embora diminuto e modesto, para a realização de uma das maiores aspirações do povo oeirense. (VASCONCELOS, 1985, p. 103-104)

Uma outra escola primária particular de nome “Instituto Santo Antônio” ganhou destaque em Oeiras, nos anos quarenta do século passado, dedicando-se principalmente a preparar seus alunos para os exames de admissão nos cursos secundários fora da cidade. Esta escola era de propriedade do professor Antônio Maria Madeira. Sua existência está registrada em ofício datado de 9 de março de 1944, em que o Prefeito Municipal e também Presidente do Conselho Popular de Instrução, Cel. Orlando Barbosa de Carvalho, comunica ao Diretor do Departamento de Ensino do Estado, Dr Manoel Sotero Vaz da Silveira seu estado de funcionamento nos seguintes termos:

A Prefeitura Municipal de Oeiras vem subvencionando o Instituto “Santo Antônio”, colégio de ensino primário, nesta cidade, de propriedade, direção e professorado único do Sr. Antônio Maria Madeira, desde a sua fundação até hoje, sem nenhuma interrupção, com a quantia de Cr\$ 1.080,00 anuário.

O referido colégio se obrigou, em compensação ao auxílio que lhe é prestado, a ministrar o ensino gratuito a quatro alunos pobres indicados pelo Prefeito.

O colégio, infelizmente, ainda não se acha devidamente aparelhado, ressentindo-se da falta dos mais rudimentares moveis, a começar das carteiras, e outros acessórios, que se tornam recomendáveis e proporcionam uma melhor acomodação aos alunos, e até mesmo o seu mais amplo aproveitamento.

O Prefeito Municipal de Oeiras além do recurso monetário acima aludido tem dispensado todo apoio moral ao Professor Antônio Maria Madeira, e, entre outros, lhe forneceu cartas de apresentação, com que, em excursões por este e diversos municípios vizinhos, fez a propaganda em favor do seu educandário.

A matrícula atual, conforme verifiquei pessoalmente quando da visita que fiz ao colégio, acusa a existência de 51 alunos, sendo 36 masculinos e 15 femininos, com a frequência de 36 meninos de ambos os sexos.

A despeito das deficiências apontadas, sobretudo no concernente às instalações do colégio, que não oferecem o conforto nem as facilidades tão úteis, delas decorrentes, e o que, aliás, sucede geralmente aos empreendimentos desta natureza em o nosso sertão, o Instituto “Santo Antônio” produz regular aprendizagem aos seus alunos.

O Professor Antônio Maria Madeira, não deixa de ser um esforçado batalhador, constituindo, embora com o seu modesto colégio, mais um elemento para difusão da instrução primária em Oeiras. (OEIRAS, Ofício nº 62, 1944)

As escolas particulares eram conhecidas pelo nome de seus professores, considerados por muitos como grandes beneméritos e dignos de louvor por sua contribuição em prol da educação oeirense. A maioria dos professores particulares que abraçaram a causa da educação fazia isto paralelamente à sua função profissional principal de médico, farmacêutico, juiz, padres, servidores públicos e as professoras por encontrarem nesta atividade um complemento da renda familiar e conquista de um espaço de destaque na sociedade. Segundo Ferro (1996), era comum no Piauí, no final da primeira República, o ofício de professor ser assumido por pessoas de destaque intelectual, social e cultural, “quase todos exerciam o magistério como contribuição à melhoria da educação local, pois tinham outras atividades profissionais” (p. 111). O quadro 01, em anexo, encontra-se os nomes de alguns professores de escolas primárias particulares da cidade de Oeiras na primeira metade do século XX. O resgate do nome destes professores só foi possível ser feito através dos depoimentos orais, pois poucos documentos escritos fazem menção a alguns deles.

A falta de empenho governamental para com as questões educacionais de Oeiras desde que esta perdeu o status de capital, não levou a acomodação do seu povo, “não se espera mais o cumprimento de promessas, organizam-se táticas e estratégias para obtenção do bem [educação], por ser um direito social” (GOHN, 2001, p. 18). A reação da sociedade oeirense tornou-se mais evidente com o surgimento da República. Embalados pelo ideal republicano¹³ e conscientes de que através da educação poderiam contribuir para o crescimento de sua terra, os letrados de Oeiras abriram as portas de suas casas para a propagação da instrução. Ainda que não atingissem a todos estas iniciativas salvaguardaram muitos oeirenses do completo analfabetismo e os impulsionaram para avançar no mundo das letras.

¹³ “sonho da República espargindo as luzes da instrução para todo o povo brasileiro e democratizando a sociedade ou o sonho de, pela instrução, formar o cidadão cívica e moralmente, de maneira a colaborar para que o Brasil se transforme em uma Nação à altura das mais progressivas civilizações de Século” (NAGLE, 1974, p. 100).

REFERÊNCIAS

AMÂNCIO, Lazara Nanci de Barros. Métodos de ensino de leitura em Mato Grosso no início do século XX: uma contribuição para a história da alfabetização no Brasil. In: Reunião Anual da ANPED, 25., 2002, Caxambu. **Anais eletrônico...** ANPED, 2002. Trabalho. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/25/texced25.htm#gt10>>. Acesso em: 09 maio 2004.

CAMPOS, Amália do Espírito Santo. **Depoimento**. Concedido à pesquisadora Amada de Cássia Campos Reis para realização de Dissertação de Mestrado. out. 2004

BOM MEIHI, José Carlos Sebe. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 1998.

BUFFA, Ester. História e filosofia das instituições escolares. In: ARAUJO, José Carlos Souza; GATTI JR, Décio. **Novos temas em história da educação brasileira: instituições escolares e educação na imprensa**. Campina (SP): Autores Associados, 2002. p. 25-38.

CATANI, Denice Bárbara (Org). **Docência, memória e gênero: estudos sobre formação**. São Paulo: Escrituras, 1997.

CHAVES, Monsenhor. Apontamentos Biográficos e outros. In: _____. **Obra Completa**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chves, 1998. p.413-639.

FERRO, Maria do Amparo Borges. **Educação e sociedade no Piauí republicano**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. Cartilha Analytica publicada pela Francisco Alves: aspectos da materialidade entre ordenamentos pedagógicos e editoriais. In: Seminário brasileiro sobre livro e história editorial. 1., 2004, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: FCRB. Comunicação individual. Disponível em: < <http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/isabelcristina.pdf>>. Acesso em: 08 maio 2006.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais e educação**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed. Campinas (SP): Unicamp, 2003.

MATOS, João da Silva. **Depoimento** [out. 2004] concedido à pesquisadora Amada de Cássia Campos Reis para realização de Dissertação de Mestrado.

NAGLE, Jorge. **Educação e sociedade na Primeira República**. São Paulo: EPU, 1974.

NÓVOA, Antônio (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2000.

OEIRAS. Prefeitura Municipal. **Ofício nº 62, de 9 de março de 1944**. Do prefeito municipal de Oeiras comunicando ao Diretor do Departamento de Ensino do Estado a situação física e funcional do Instituto Santo Antônio. Livro para registro da correspondência expedida, começado em 12 de junho de 1943 e encerrado em 07 de agosto de 1944. Oeiras, p. 64-66, 1943/1944. Manuscrito.

OLIVEIRA, Cátia Regina Guidio Alves de; SOUZA, Rosa Fátima de. As faces do livro de leitura. **Cadernos Cedes**, São Paulo, n 52, p. 25-40, 2000.

PIAUHY, **Mensagem apresentada à Câmara Legislativa, pelo Governador Dr. Arlindo Francisco Nogueira, Governador do Estado, em 1º de junho de 1901**. Therezina: Typ. do “O Piauhhy”, 1901.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: FERRIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). **Usos & abusos da história oral**. 5. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002.

REIS, Benedito Lopes Reis. **Depoimento** [out. 2004] concedido à pesquisadora Amada de Cássia Campos Reis para realização de Dissertação de Mestrado.

REIS, Maria de Macedo. **Depoimento** [set. 2004] concedido à pesquisadora Amada de Cássia Campos Reis para realização de Dissertação de Mestrado.

SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de. **A memória e a escola**. Bragança Paulista: EDUSF, 2004.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VASCONCELOS, Antônio Cardoso. Meu paróquiato em Oeiras – Piauí (1932-1949). **Revista do Instituto Histórico de Oeiras**. Teresina: COMEPI, n. 07, p.91-108, 1985.

APÊNDICE A - PROFESSORES DE ESCOLAS ISOLADAS PÚBLICAS E PARTICULARES DA CIDADE DE OEIRAS – PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX.

ANO	NOME	OBSERVAÇÃO
190-	Ana Govém Soído.	Professora particular. Conhecida pelo nome de Sinhá Soído, lecionou por mais de vinte anos em sua residência utilizando métodos disciplinares rígido com uso da palmatória. (QUEIROZ, 1967, p. 2).

1907?	Rafael José de Farias.	Professor particular de escola primária, além de exercer a profissão de guardalivros. Era por todos chamado de Seu Rafa. Como professor utilizou métodos considerados inovadores naquela época como simulação de eleição para ensinamento dos preceitos de democracia; em suas aulas desenvolvia atividades de leitura e interpretação de textos e capacitava seus alunos a fazer discursos para serem proferidos nas festividades cívicas. Fazia uso da palmatória para conseguir êxito com seus alunos. Dentre eles, destacou-se Raimundo Costa Machado, que se formou em cirurgião dentista, foi jornalista e poeta, dedicou seu primeiro soneto ao velho mestre, ajudando-o na velhice. (CAMPOS, 1982, p.73; QUEIROZ, 1967, p. 2).
1914	Raquel de Carvalho Magalhães.	Professora normalista. Pertenceu à segunda turma de concludentes da Escola Normal Oficial. Dedicava-se apenas a alfabetizar. (CAMPOS, 1982, p.73; BRITO, 1996, p. 62; QUEIROZ, 1967, p. 3).
1917	Moyisés Pereira dos Santos.	Era nomeado como professor público, mas também mantinha uma escola particular. Exigente quanto à disciplina não hesitava em usar a palmatória.(REIS, 2004, depoimento).
191-	Dr. José Epifânio Carvalho.	Professor particular. Era filho do Major Selemérico, foi também médico oftalmologista e clínico. Como professor, mantinha um curso preparatório para os alunos que iam prestar exames no Liceu de Teresina ou em outros locais. (MATOS, 2004, depoimento).
191-	Augusto Mendes Feitosa.	Professor de escola particular para o sexo masculino. Costumava usar a palmatória, quando ia testar os conhecimentos transmitidos durante a semana. (MATOS, 2004, depoimento).
191-	Cândido Soares.	Professor particular. Era conhecido por todos pelo nome de Candinho Soares. (QUEIROZ, 1967, p. 2).
191-	Iaiá Brito.	Professora particular de ensino primário. Manteve por pouco tempo uma escola onde hoje funciona a Câmara de Vereadores de Oeiras. (MATOS, 2004, depoimento).
192-	Ana Leonor de Sousa Brito.	Professora particular. Ensinava as primeiras letras, preparando os alunos para o ingresso no grupo escolar. Era mais conhecida pelo nome de Donana Brito. (CAMPOS, 2004, depoimento).
192-	Dr. João Carvalho.	Além de farmacêutico, exerceu a função de professor criando sua própria escola, o “Externato Oeirense”, escola preparatória para os cursos secundários fora cidade ou para quem desejasse um maior aprofundamento nos estudos. Sua dedicação para com a causa educacional rendeu-lhe a homenagem de ter uma escola com seu nome. (REIS, 2004, depoimento).
192-	Quincas Martins.	Professor auxiliar de “Externato Oeirense”, encarregado da fixação dos assuntos explanados por Dr. João Carvalho. (REIS, 2004, depoimento).
193-	Dr Pedro Sá.	Conciliou sua função de Juiz de Direito com as atividades de professor lecionando em sua residência, à noite, preparando os rapazes para o ingresso no Liceu ou que quisessem ampliar os conhecimento, principalmente em Matemática. Também preparava as moças para cursarem a Escola Normal. Tem uma escola na cidade que traz o seu nome. (REIS, 2004, depoimento; CAMPOS, 2004, depoimento).
1939	Possidônio Nunes Queiroz.	Dotado de grande inteligência e devotado aos livros foi um disseminador da cultura e da educação em Oeiras. Estreou no magistério como primeiro professor da escola “Domingos Afonso Mafrense”, criada pela União Artística Operária Oeirense, em 1939, e ao longo de toda sua vida propagou seu conhecimento à várias gerações.
193-	Hipólito Constâncio da Silva Reis.	Rábula e também professor. Criou uma escola particular em sua casa e foi também professor da escola “Domingos Afonso Mafrense”.
194-	Cônego Antônio Cardoso de Vasconcelos.	Criou uma escola de nome “Ateneu Santo Antônio”.
194-	Antônio Maria Madeira	Criou uma escola primária particular de nome “Instituto Santo Antônio” que preparava os alunos para os exames de admissão dos cursos secundários. (OEIRAS, 1944, ofício n.62)

Quadro 01 – Professores de escolas isoladas, públicas e particulares da cidade de Oeiras – primeira metade do século XX.

Fontes: ofícios, quadros, livros (Bibliotecas e arquivos públicos e particulares) e depoimentos orais.